

# O ÚLTIMO PÉ E A CESURA NOS VERSOS NÚNICOS E AS *PÚNICAS* DE SÍLIO ITÁLICO



EVERTON NATIVIDADE

**Resumo:** Este artigo apresenta as possibilidades de formação do último pé e as ocorrências de cesuras nos chamados versos núnicos, uma transposição do hexâmetro datílico latino utilizada por Carlos Alberto Nunes nas suas traduções de Homero e Virgílio, após retomar as características desse mesmo verso, conforme apresentadas em estudos anteriores. Em apêndice, oferece-se uma tradução de um excerto das *Púnicas* de Sílio Itálico (6.589-659), em versos núnicos, com escansão e notas de comentário.

**Palavras-chave:** Versos núnicos; último pé; cesura; tradução; Sílio Itálico.

**Abstract:** This paper presents the possibilities of forming the last foot and the occurrences of caesuras in the so called “nunean verses”, a transposition of Latin dactylic hexameter used by Carlos Alberto Nunes in his translations of Homer and Virgil, after summarizing the characteristics of that same verse, as presented in previous papers. In appendix, we offer a translation of an excerpt from Silius Italicus’ *Punica* (6.589-659), in “nunean verses”, with scansion and commentary notes.

**Keywords:** *Nunean* verses; last foot; caesura; translation; Silius Italicus.

La cour que constituaient les écoutants était leur arène ;  
souvent, ils s’affrontaient avec cette arme immatérielle,  
toute pure, aérienne et tranchante qu’était la Parole.

Patrick Chamoiseau, in *Biblique des derniers gestes*

**R**evalorizar os clássicos e algumas de suas traduções parece ser um movimento cíclico, que se poderia alegar que espelha, de certa forma, a tendência de leitura e leitores das épocas em que cada revalorização se lobra. Assim é que entre os tradutores mais conhecidos e citados da *Eneida*, por exemplo, Manuel Odorico Mendes e Barreto Feio, será

possível encontrar Carlos Alberto Nunes, cuja paulatina reimpressão<sup>1</sup> indica um momento de merecida revisitação. Ao lado dessas reimpressões, um estudo analítico e de “instauração de uma tradição”, no que tange ao método de tradução poética de Carlos Alberto Nunes, vem sendo empreendido por um grupo da Universidade Federal do Paraná. Dois textos já se publicaram como fruto desse trabalho: (1) Conto (2008), um estudo das técnicas empregadas pelo poeta-tradutor, com um esboço de interpretação de intenções distintas que se podem depreender nas traduções dele e de Odorico Mendes; e (2) Gonçalves *et alii* (2011), que retoma os resultados já apresentados por Conto e se faz acompanhar de uma tradução do canto X dAs *Metamorfoses* de Ovídio.

Desses estudos, depreende-se a prática de Carlos Alberto Nunes, que, oferecendo ao português uma tradução peculiar do hexâmetro datílico greco-latino, propôs, grosso modo, um verso de número de sílabas variável, composto de cinco combinações da sequência tônica-átona-átona (doravante TAA) e uma, final, de TAA ou tônica-átona (TA) ou, ainda que raramente, de uma só sílaba tônica<sup>2</sup>. Essa invenção do poeta-tradutor, já denominada de “transposição do hexâmetro datílico antigo por um hexâmetro datílico equivalente português”<sup>3</sup>, “hexâmetro vernáculo”<sup>4</sup> e mesmo “verso núnico”<sup>5</sup> (e é esta última denominação que passaremos a adotar), acabou por ganhar uma série de características próprias que se resumem em seis pontos:

1. À sílaba longa do início de cada pé (dátilo, espondeu ou troqueu) do hexâmetro datílico corresponde, em português, uma sílaba tônica, mantendo-se o ictos de cada pé do verso greco-latino;
2. Às sílabas breves (segunda e terceira do dátilo; segunda do troqueu) correspondem, em português, sílabas átonas;
3. Ao primeiro dátilo de cada hexâmetro corresponderá, em português, um sequência TAA ou ATA<sup>6</sup> ou, ainda, na possibilidade de uma anacrusse<sup>7</sup>, ATAA;
4. Não haverá, nos cinco primeiros pés do verso vernáculo, a possibilidade de substituição de um dátilo por um espondeu; por conseguinte, o verso núnico se comporá de cinco sequências TAA, seguida da sexta e última;
5. O último pé do verso núnico poderá compor-se de uma sequência TAA (equivalente do dátilo) ou TA (equivalente do troqueu) ou, ainda, de uma só sílaba tônica (verso encerrado por uma oxítone);
6. Como consequência dos itens 4. e 5. acima exarados, o verso núnico se comporá de 16-18 sílabas, diferentemente do hexâmetro datílico original, composto de 13-17 sílabas.<sup>8</sup>

<sup>1</sup> Para a *Eneida*, cf. VIRGÍLIO, 1981. Para as reimpressões, todas dos poemas homéricos, cf. HOMERO, 2009a e 2009b (ambas da Ediouro, comercializadas em *box* especial); 2011a, 2011b, 2011c, 2011d.

<sup>2</sup> Segundo GONÇALVES *et al.* (2011, p. 8).

<sup>3</sup> GONÇALVES *et al.*, 2011, p. 3.

<sup>4</sup> GONÇALVES *et al.*, 2011, p. 3, n. 5.

<sup>5</sup> CONTO, 2008, p. 60, n. 1.

<sup>6</sup> Com o “recurso da inversão de sílaba tônica”, como o denomina Conto (2008, p. 63).

<sup>7</sup> Gonçalves *et al.*, 2011, p. 8, define-nos o termo de forma simples e clara: “é a sílaba ou sílabas que antecedem a tônica inicial de um verso e não são consideradas na escansão”.

<sup>8</sup> O esquema gráfico abaixo facilita a visualização das possibilidades de construção de um verso núnico. Cada letra indica uma sílaba (T = tônica, em fonte maior e em negrito; A = átona); cada conjunto de sílabas (pé) está separado do seu subsequente num quadro; as sílabas tônicas, ictos em cada pé, marcam-se com o negrito e em fonte maior:

Essas as características essenciais, cujos pequenos detalhes foram minuciosamente estudados nos dois trabalhos a que nos referimos. Conto<sup>9</sup>, no entanto, assinala que “ainda faltou [...] a abordagem de questões como a cesura do hexâmetro latino e a sílaba final do verso de Nunes”. O problema da sílaba final, como veremos a seguir, seria, três anos depois, tangencialmente abordado no texto de Gonçalves. Quanto à cesura, apresentamos, neste estudo, o resultado da nossa pesquisa, que se deteve justamente sobre esta questão. A exemplo da produção de Gonçalves e seu grupo, concluímos este texto com a tradução, em apêndice, de uma passagem das *Púnicas* de Sílio Itálico (6.589-659), elaborada no verso núnico, com observação dos parâmetros de cesura que aqui se apresentam. Um segundo apêndice reapresenta o texto da tradução com as cesuras e ictos marcados; o terceiro e último traz notas e comentários.

### O último pé do verso núnico

O hexâmetro datílico, composto da combinação de seis pés, podia ter, entre os quatro primeiros ou em todos esses quatro iniciais, o dátilo substituído por um espondeu; ao quinto pé cabia a manutenção do ritmo, o que lhe obrigava a conservação de um dátilo; o último pé do verso, enfim, constituía-se ou de um troqueu ou de um espondeu. A transposição dessa forma fixa para o português fez que

Carlos Alberto teve que fixá-lo com cinco pés dátilos e sexto pé quase sempre trocaico, raramente dátilo, pois [...] não se consegue utilizar espondeu em português, e a única possibilidade de variar que restou ao tradutor foi substituir o troqueu final por um dátilo, ou em outras palavras, usar verso grave ou verso esdrúxulo<sup>10</sup>.

Como sói acontecer no tipo de trabalho que empreenderam Conto e Gonçalves — e neste por que ora enveredamos — os termos utilizados na métrica latina e na versificação portuguesa se confundem. Assim é que, em referência às combinações de sílabas do verso núnico, usa-se o termo “pés”, o pé formado de TAA chama-se dátilo; o de TA, trocaico; o de TT, espondeu. Nessa confluência de terminologias, uma impropriedade foi cometida: chama-se *ríma grave* à que faz identificarem-se palavras paroxítonas e *esdrúxula* à que faz identificarem-se palavras proparoxítonas. Os termos, empregados na versificação portuguesa com referência a tipos de *rimas*<sup>11</sup> (ou terminações<sup>12</sup>), então, foram retomados por Gonçalves, na citação acima, como classificação possível para o verso. Postos à parte esses detalhes, compreende-se logo que Gonçalves, ao elencar as possibilidades a que tinha acesso Carlos Alberto Nunes para a confec-

---

TAA ATA ATAA	TAA	TAA	TAA	TAA	TAA TA T
--------------------	-----	-----	-----	-----	----------------

<sup>9</sup> 2008, p. 66.

<sup>10</sup> GONÇALVES *et alii*, 2011, p. 8.

<sup>11</sup> Cf. CHOCIAY, 1974, p. 176.

<sup>12</sup> Cf. CHOCIAY, 1974, pp. 34 e 43.

ção do seu sexto pé, chega à conclusão de que eram duas: TA ou, raramente, TAA.

Um pouco antes, no mesmo artigo<sup>13</sup>, Gonçalves havia afirmado, no entanto, que “o hexâmetro vernáculo de Carlos Alberto Nunes pode apenas ter entre 16 e 18 sílabas, conforme o último pé seja troqueu, dátilo ou mesmo *oxítona*, como se exemplificará a seguir” (grifo nosso). É somente a partir de um exemplo extraído da tradução apresentada pelo grupo<sup>14</sup>, que compreendemos o que se entende por “oxítona”: o sexto pé formado por uma só sílaba, tônica:

Da vida tão | cedo le|vada de Eu|ridice, ^o | fio reno|vai.

Com efeito, ainda que muito raramente, encontra-se, entre os versos núnicos, o pé final formado de uma só sílaba tônica, o que implica, evidentemente, um verso terminado em oxítona. Nos 1.558 versos que formam a tradução dos cantos I e II da *Eneida*, há somente três ocorrências, todas originárias do emprego de um nome próprio oxítono: “Menão” (1.489); “Heitor” (1.755) e “Peneleu” (2.424).

Menos rara é a terminação em proparoxítona, que cria um pé final datílico (TAA). Nos mesmos 1.558 versos, encontram-se 12 ocorrências, das quais quatro se formam do nome “Príamo” (2.436, 452, 505 e 759); duas vezes ocorre “Hípanis” (2.339 e 427); as outras seis ocorrências, uma vez para cada palavra, incluem um só adjetivo (“riquíssimo”, 2.391) — as outras todas são, previsivelmente, nomes próprios (“Deífobo”, 2.309; “Migdônida”, 2.340; “Ífito”, com a primeira vogal em elisão com a final do verbo “era”, 2.434; “Pérgamo”, 2.554; “Górgona”, 2.615). Note-se ainda que a terminação esdrúxula parece ter sido evitada, se considerarmos as proparoxítonas sincopadas em 1.225 (“espetac’lo”), 1.291 (“sec’los”) e 1.653 (“per’las”).

### A cesura no verso núnico

A cesura, definida como “uma pausa que divida um pé, metro ou cólon”<sup>15</sup>, ocorre no verso hexâmetro datílico, no mais das vezes, após a longa do terceiro pé, quando é, então, chamada *pentemímera*. Há ainda as cesuras *triemímera*, que ocorre após a longa do segundo pé, e *heftemímera*, que ocorre após a longa do quarto pé. Uma cesura que se dá após a primeira breve do terceiro pé chama-se *feminina*.

Essas quatro possibilidades de cesura podem encontrar-se em combinações, dando ao verso duas ou três pausas. A heftemímera muito frequentemente se combina com a pentemímera ou com a triemímera; podem-se também combinar as três, a um tempo, criando-se um verso dividido em quatro partes. A cesura feminina pode, igualmente, vir combinada com uma heftemímera ou com triemímera e heftemímera no mesmo verso.

<sup>13</sup> GONÇALVES *et alii*, 2011, pp. 4-5.

<sup>14</sup> GONÇALVES *et alii*, 2011, p. 9. O verso é o 10.31 dAs *Metamorfoses*. Nos exemplos deste artigo, as barras verticais indicam a separação entre os pés, as diagonais paralelas a cesura (não marcada no exemplo em questão); as sílabas tônicas (ou o ictos, equivalente à longa do pé latino) de cada pé encontram-se em negrita e sublinhadas, e as sinalefas, elisões e eclipses indicam-se por um acento circunflexo entre as vogais (ou os grupos) que se reúnem.

<sup>15</sup> CRUSIUS, 1951, p. 43 (§ 36).

A breve exposição dos parágrafos anteriores deve servir-nos a compreender a cesura no verso único, que, esperaríamos, reproduz, respeitando as exigências do português, as possibilidades do latim. Não seria de somenos correção supor, em vista da já exposta limitação do português diante da expressividade do hexâmetro latino, que, também com relação às cesuras e suas combinações, o português (ou o modelo único, neste caso) oferecesse reduções. Com efeito, Carlos Alberto Nunes, num dos poucos excertos que conhecemos em que se refira à construção dos versos de transposição do hexâmetro datílico, oferece-nos a seguinte preceituação:

[...] discreta cesura depois do terceiro pé:  
*Ouve-me, Atena, também, / nobre filha de Zeus poderoso!*

Quando o poeta se afasta desse paradigma, para introduzir duas pausas no verso, que o dividem em três porções quase iguais, de regra volta no verso subsequente a cair no ritmo inicial, que é o predominante em todo o recitativo:

*Dá que possamos / cobertos de glória / voltar para as naves,  
 pós grande feito acabarmos / que há de lembrar sempre os Teucros!*

Nas traduções esse esquema não é observado com rigor, notando-se, ainda, a tendência para variar de ritmo, pelo deslocamento das pausas dentro do verso, com o que se evita a monotonia, de possível desagradado para o ouvido moderno<sup>16</sup>.

Nessa citação, convém observar que Nunes cita os versos em tradução sua como se fossem os próprios originais do poeta (*en l'occurrence*, Homero). Vale também notar que ele acentua certa “tendência para variar de ritmo” por parte do tradutor. Se tomarmos ao pé da letra a preceituação, reduzir-se-ia a cesura nos versos únicos a duas possibilidades somente: as equivalentes da pentemímera e da combinação de triemímera com heftemímera. Não é isso, contudo, que se vê nos dados que temos analisado<sup>17</sup>. A seguir, por meio de exemplos tomados ao *corpus*, exporemos notícia das possibilidades de cesura no verso único, encerrando com um breve elenco das características que se detectaram.

A ocorrência mais frequente é a da cesura pentemímera só; ela aparece em 57 versos do *corpus* em tradução<sup>18</sup>. É seguida, em quantidade, pela heftemímera desacompanhada, que se vê em 14 versos<sup>19</sup>. A combinação de triemímera com heftemímera se conta em 11 casos<sup>20</sup>. A triemímera desacompanhada se

<sup>16</sup> NUNES, 1962, p. 39.

<sup>17</sup> O *corpus* deste trabalho se compôs dos cem versos iniciais do primeiro canto da *Eneida*, cujos original latino e tradução foram escandidos e comparados.

<sup>18</sup> Pentemímera propriamente dita: versos 1, 5, 6, 10-12, 19, 38, 42, 43, 45, 52, 60, 66, 76, 79, 84, 89, 94, 99; cesura feminina: versos 2, 3, 7, 8, 13-15, 24-32, 40, 50, 53, 56, 57, 61, 64, 68, 69, 71, 72, 74, 78, 80, 85, 86, 88, 91, 96, 97, 100. Na prática, a utilização da cesura que faz Carlos Alberto Nunes, não há diferença marcada entre a pausa colocada entre a longa e a primeira breve do dátilo (T // AA) ou entre a primeira breve e a segunda (TA // A); desfaz-se, assim, no esquema de cesuras possíveis, a distinção entre cesura pentemímera e cesura feminina. Por isso, referimo-nos a ambas pelo termo comum de *pentemímera*, quando em referência às suas ocorrências nos versos únicos.

<sup>19</sup> São eles: 16, 18, 21-23, 33, 34, 51, 55, 62, 67, 73, 87 e 95.

<sup>20</sup> São eles: versos 9, 17, 20, 26, 35, 44, 46, 48, 49, 63 e 82.

vê em 10 exemplos, os versos 36, 37, 39, 41, 54, 58, 65, 75, 93 e 98; o oitavo deles (75), traduz um verso de cesura pentemímera:

*exigat, | et pul|chra // faci|at te | prole pa|rentem*

e *pai te | tornes // de | prole sa|dia^e^inve|jada de | todos*<sup>21</sup>

Curiosamente, em uma ocorrência da cesura triemímera no original, equivale uma pentemímera na tradução, verso 61:

*hoc metu|ens, // mo|lemque^et | montes | insuper | altos*

*escuri|dões de ca|verna, // com | montes e|normes por | cima*

Com os exemplos anteriores, observamos que, na “tendência para variar de ritmo” do poema traduzido, as cesuras da *Eneida* de Carlos Alberto Nunes nem sempre equivalem, verso a verso, às da virgiliana original<sup>22</sup>. Nem tampouco em termos de técnica: um exemplo recorrente se dá quando, ao passo que as cesuras do hexâmetro latino se encontram quase sempre após a longa do pé em que caem, isto é, após a arse<sup>23</sup>, as cesuras do verso núnico podem — e isso se dá com enorme frequência, reiteremos — cair após a primeira átona do pé, que equivaleria à primeira breve dum pé latino e, no caso da cesura no terceiro pé, não a uma pentemímera, mas a uma feminina, como exemplifica o verso abaixo, o segundo do primeiro canto:

*Por injun|ções do Des|tino,^ins//ta|lou-se na^I|tália pri|meiro.*<sup>24</sup>

É digno de nota que o tradutor tenha-se servido de quantos recursos encontrou disponíveis, atentando mesmo para práticas que não eram de todo virgilianas, mas encontradas em autores anteriores, como Lucrécio, caso da diérese<sup>25</sup> ao fim do segundo pé, combinada com uma cesura heftemímera<sup>26</sup>, que se exemplifica no verso 47<sup>27</sup>:

do *próprio* | *Júpiter*, // | *há* tantos | *anos* // guer|reio^um só | *povo*

Outro ponto a notar é a possibilidade — não diferentemente do que ocorre, vez ou outra, nos hexâmetros latinos — de interpretação, podendo um

<sup>21</sup> Cf. n. 14.

<sup>22</sup> Como, aliás, nem sempre se equivalem palavra por palavra o original latino e a tradução em português.

<sup>23</sup> Chama-se *arse* à elevação, ao realce silábico existente em cada pé (e, a crer na tese da leitura rítmica marcada pela intensidade também em latim, esse realce será, como em português, acentual); a posição de arse, em latim, é majoritariamente ocupada por uma sílaba longa (cf. CRUSIUS, 1951, p. 39, § 32).

<sup>24</sup> Sobre esse tipo de cesura, a que apresentamos nesse verso, no interior de um vocábulo, “divisão meramente teórica”, cf. CHOCIAY, 1974, p. 127, item 7.15.3.

<sup>25</sup> Chama-se *diérese* à cesura que coincide com o fim de um pé ou metro (CRUSIUS, 1951, pp. 42-3, § 36).

<sup>26</sup> CRUSIUS, 1951, p. 58 (§ 45.7).

<sup>27</sup> Na *Eneida* virgiliana, no *corpus* analisado, tal cesura se encontra uma vez, no v. 82.

verso ser lido de mais de uma maneira, no que tange à pausa da cesura<sup>28</sup>. O verso 4, por exemplo, poder-se-ia ler

**tempo** nos | **mares** e<sup>^</sup>em | **terras** // va|**gou** sob as | **iras** de | **Juno**,

com a cesura pentemímera marcada entre o verbo e o seu adjunto adverbial de lugar, ou com a cesura heftemímera, destacando o adjunto adverbial de causa, como, aliás, o faz o verso original latino, que tem cesura dupla:

**tempo** nos | **mares** e<sup>^</sup>em | **terras** va|**gou** // sob as | **iras** de | **Juno**

**ui** Supe|**rum**, // sae|**uae** memo|**rem** // Iu|**nonis** ob | **iram**.

É graças a essa possibilidade de interpretação que poderíamos crer que há, entre os cem versos do *corpus*, um que retoma a rara cesura tripla, exemplificada com o verso 2.3 da *Eneida* virgiliana,

**infan**|**dum**, // re|**gina**, // iu|**bes** // reno|**uare** do|**lorem**,

que apresenta triemímera, pentemímera e heftemímera em conjunto no mesmo verso<sup>29</sup>. O exemplo único está no verso 77, em que três leituras nos parecem possíveis. A primeira, com uma só cesura, triemímera:

**quanto** de|**sejas**; // a | **mim**, logo | **logo** cum|**prior** o que<sup>^</sup>or|**denas**;

a segunda, com duas cesuras, combinando triemímera com heftemímera:

**quanto** de|**sejas**; // a | **mim**, logo | **logo** // cum|**prior** o que<sup>^</sup>or|**denas**;

a terceira, com três cesuras, combinando triemímera, pentemímera e heftemímera:

**quanto** de|**sejas**; // a | **mim**, // logo | **logo** // cum|**prior** o que<sup>^</sup>or|**denas**.

Em resumo, (1) encontram-se nos versos únicos todas as possibilidades que se possam elencar de cesuras próprias ao hexâmetro épico latino, incluindo-se nesse rol tanto as cesuras únicas quanto as combinações, duplas e triplas; (2) não faz o tradutor distinção quanto à posição da cesura entre a tônica e a átona do início do dátilo ou entre as duas átonas, o que desfaz, por exemplo, a diferença entre a cesura pentemímera e a feminina; (3) as cesuras da tradução não equivalem verso a verso às cesuras do original latino; (4) a possibilidade de interpretação cria diferentes leituras para um mesmo verso, com a pausa da cesura marcada em diferentes lugares.

<sup>28</sup> Além do exemplo com que trabalhamos na sequência, o verso 4, possibilidades de leitura foram identificadas nos seguintes versos: 59, 81, 90 (cesura triemímera ou triemímera com heftemímera); 70 (heftemímera ou triemímera com heftemímera); 83 (triemímera ou triemímera com pentemímera); 92 (triemímera ou pentemímera).

<sup>29</sup> O exemplo é dado por Crusius, 1951, p. 60, § 46.

**APÊNDICE 1: Tradução de Sílio Itálico, *Púnicas* 6.589-659**

At cladis acerbae

**590** discussa ceu nube, patres conquirere fessis  
iam rebus meditantur opem, atque ad munera belli  
certatur, pulsusque timor grauiore periclo.

Maxima curarum, rectorem ponere castris,  
cui Latium et moles rerum quassata recumbat,

**595** spectante occasum patria. Iouis illa ruenti  
Ausoniae atque Italis tempus protendere regnis  
cura fuit; nam Tyrrhenos Poenumque secundis  
Albana surgens respexerat arce tumentem,  
qui ferre in muros uictricia signa parabat.

**600** Tum quassans caput: “Haud umquam tibi Iupiter”, inquit,  
“o iuuenis, dederit portas transcendere Romae  
atque inferre pedem. Tyrrhenas sternere ualles  
caedibus, et ripas fluuiorum exire Latino  
sanguine fas fuerit: Tarpeium accedere collem

**605** murisque aspirare ueto.” Quater inde coruscum  
contorsit dextra fulmen, quo tota reluxit  
Maeonidum tellus, atramque per aethera uoluens  
abrupto fregit caelo super agmina nubem.

Nec Poenum auertisse satis; dat numine magno

**610** Aeneadis mentem, gremio deponere tuto  
Romuleam sedem Fabioque salutis habenas  
credere ductori. Cui postquam tradita belli  
iura uidet: “Non hunc”, inquit, “superauerit unquam  
inuidia aut blando popularis gloria fucio;

**615** non astus fallax, non praeda aliusue cupido.  
Bellandi uetus ac laudum cladumque quieta  
mente capax; par ingenium castrisque togaeque.”  
Sic genitor diuum, recipitque ad sidera gressum.

Hic, circumspectis nulli deprensus in armis

**620** laudatusque Ioui, Fabius mirabile quantum  
gaudebat reducem patriae annumerare reuersus,  
duxerat egrediens quam secum in proelia, pubem.

Nec membris quisquam natouae pepercit amato  
acrius, aut uidit socium per bella cruorem

**625** tristior. Atque idem, perfusus sanguine uictor  
hostili, plenis repetebat moenia castris.

Stirpe genus clarum caeloque affinis origo.

Nam remeans longis olim Tirynthius oris  
et triplicis monstri famam et spectacula captas

**630** mira boues hac, qua fulgent nunc moenia Romae,  
egit ouans. Tunc Arcadius (sic fama) locabat  
inter desertos fundata Palatia dumos

paupere sub populo ductor, cum regia uirgo,  
hospite uicta sacro, Fabium de crimine laeto

**635** procreat et magni commiscet seminis ortus  
Arcas in Herculeos mater uentura nepotes.

Ter centum domus haec Fabios armauit in hostem,  
limine progressos uno; pulcherrima quorum

cunctando Fabius superavit facta ducemque  
**640** Hannibalem aequando. Tantus tunc, Poene, fuisti!

Dum se percussi renouant in bella Latini,  
 turbatus Ioue et exuta spe moenia Romae  
 pulsandi, colles Vmbros atque arua petebat  
 Hannibal, excelso summi qua uertice montis

**645** deuexum lateri pendet Tuder, atque ubi latis  
 proiecta in campis nebulas exhalat inertes,  
 et sedet ingentem pascens Meuania taurum,  
 dona Ioui; tum Palladios se fundit in agros  
 Picenum diues praedae atque errantibus armis,

**650** quo spolia inuitant, transfert populantia signa;  
 donec pestiferos mitis Campania cursus  
 tardauit bellumque sinu indefensa recepit.

Hic dum stagnosi spectat templumque domosque  
 Literni ductor, uaria splendentia cernit

**655** pictura belli patribus monumenta prioris  
 exhausti — nam porticibus signata manebant —  
 quis inerat longus rerum et spectabilis ordo.  
 Primus bella truci suadebat Regulus ore,  
 bella neganda, uiro si noscere fata daretur.

De acerba procela,

**590** fendida a nuvem, os pais a buscar os recursos se empenham  
 para tão grandes trabalhos, e pelos labores da guerra  
 todos disputam, vencido o temor de um perigo maior.  
 Às tropas chefe propor, dos cuidados o máximo, entre  
 forças caídas em quem apoiarem o Lácio abatido,

**595** vendo da pátria o ocaso. Mas grande de Jove o cuidado  
 ao reino itálico foi aumentar e à Ausônia a existência  
 já em ruínas, e olhou, da montanha Albana, do topo,  
 o púnico cheio de si e co'ele os tirrenos, soberba!,  
 queria aos muros levar as insígnias das suas vitórias.

**600** Abana o deus a cabeça: “Mas Júpiter nunca, meu jovem” —  
 diz — “te dará que as portas de Roma transponhas, aí nem  
 pores o pé. As planícies tirrenas com morte arrasaste,  
 foi permitido; e as margens dos rios transbordar com o sangue  
 latino, sim, permiti. Alcançares o monte tarpeio,

**605** dos muros te aproximares, proíbo”. E então, coruscantes,  
 lançou coa destra dois pares de raios, e co'eles da Etrúria  
 iluminou-se a região; e nos ares revolve uma escura  
 nuvem, irrompe no céu, que por sobre o exército abriu-se.  
 Ter afastado o fenício não é suficiente; inspira,

**610** com grande nume, os Enéadas: ponham as terras romúleas  
 salvas nas mãos condutoras de Fábio, confiem as rédeas  
 pátrias. E assim que ele vê os comandos da guerra rendidos  
 a Fábio, afirma então: “O renome que junto ao povo  
 se faz, coa inveja e o logro falaz, nem astúcia ou ganho,

**615** cobiça, nada consegue a este enganar. Aguerrido,  
 recebe os louros na paz e suporta das guerras as perdas,  
 o espírito calmo, de engenho igual para as armas e a toga”.

Dos deuses falou o supremo; regressa em seguida às estrelas.  
 Aquele, surpreso jamais por ninguém em suas armas prudentes,  
**620** é estimado de Jove; e Fábio exultava, regresso,  
 por numerar-se de volta, à pátria restituída,  
 a juventude levada consigo p'ra tantos combates.  
 Ninguém salvou-se a si mesmo ou filho querido com zelo  
 maior, ou viu companheiro na guerra a sangrar com tristeza  
**625** maior. Agora ele mesmo, banhado em cruor inimigo,  
 venceu, aos muros tornava com seus numerosos soldados.  
 Raça de estirpe preclara, ao céu sua origem remonta.  
 Pois, retornando o Tiríntio outrora de terras longínquas,  
 do monstro tríplice arrasta a fama e as vacas tomadas,  
**630** triunfo, espetáculo, onde refulgem agora as muralhas  
 de Roma. Um árcade, então, como dizem, estabelecia  
 do Palatino as bases por entre desertos silvados;  
 um pobre povo conduz, quando a virgem princesa enleada,  
 do hóspede sacro vencida, de um crime feliz, primo Fábio  
**635** gera e mistura as origens de nobres sementes, fazendo-se  
 arcádia madre futura, de heráclidas antepassada.  
 Fábios trezentos armou essa raça de encontro ao imigo,  
 todos saídos de igual limiar; os belíssimos feitos  
 deles, contemporizando, supera este Fábio, que sabe  
**640** com Aníbal chefe igualar-se. Tão grande, ó púnico, foste!  
 Enquanto à guerra retornam os sobressaltados latinos,  
 amedrontado por Jove e perdida a fé de os romanos  
 muros destruído, às colinas e aos campos da Úmbria alcança  
 Aníbal, onde, no cume elevado do topo de um monte,  
**645** pendente, inclinado, a um lado, o Túder, e onde, estendida  
 em vastos campos, exala inertes neblinas espessas  
 e se situa a Mevânia, pastora de touros enormes,  
 dons para Jove; se lança em seguida nos campos de Palas,  
 Piceno, rico em despojos; vagando, os exércitos seguem  
**650** aonde os convidam espólios, transportam insígnias pilhadas;  
 até que a doce Campânia as marchas funestas deteve  
 e recebeu, sem defesa, a guerra em seu seio. E nesse  
 lugar, enquanto contempla moradas e templo em Literno  
 cercada de água, Aníbal percebe, de várias cores  
**655** vivas pintada, a imagem da guerra primeira, a cabo  
 levada pelos seus antepassados, pois marcas restavam,  
 longa seqüência dos fatos gravava-se bela nos pórticos.  
 Primeiro Régulo à guerra, com rosto feroz, exortava,  
 guerra que, dado lhe fosse os fados prever, negaria.

## APÊNDICE 2: Escansão dos versos da tradução apresentada

Marcam-se, nesta escansão, todas as cesuras que vimos possíveis; em alguns casos, como no v. 606, por exemplo, uma só (a heftemímera) poderia manter-se, desprezando-se a primeira (triemímera) e lendo-se, então, um verso bimembre. Também aqui a possibilidade de interpretação de leitura a que nos referimos nas páginas 7 e 8 deste artigo (exemplificada com os versos 1.4 e 1.77 da *Eneida* núnica) se mantém. Outros comentários que julgamos pertinentes encontram-se no apêndice 3, em notas.

De^a|cerba pro|cela,

590 fendida^a | nuvem, // os | pais a bus|car os re|cursos se em|penham  
para tão | grandes tra|balhos, // e | pelos la|bores da | guerra  
todos dis|putam, // ven|cido^o te|mor de^um pe|rigo mai|or.  
 As tropas | chefe pro|por, // dos cui|dados o | máximo, | entre  
forças ca|ídas // em | quem apoi|arem // o | Lácio^aba|tido,  
 595 vendo da | pátria^o o|caso. // Mas | grande de | Jove^o cui|dado  
 ao reino^i|tálico | foi aumen|tar // e^à Au|sônia^a^e|xis|tência  
já em ru|ínas, // e o|lhou, // da mon|tanha Al|bana, do | topo,  
 o púnico | cheio de | si // e com | ele^os tir|renos, so|berba!,  
queria^aos | muros le|var // as in|sígnias das | suas vi|tórias.  
 600 Abana^o | deus a ca|beça: // “Mas | Júpiter | nunca, meu | iovem” —  
diz — “te da|rá // que as | portas de | Roma trans|ponhas, a|í nem  
pores o | pé. // As pla|nícias tir|renas com | morte^arra|saste,  
foi permi|tido; // e^as | margens dos | rios transbor|dar com o | sangue  
latino, | sim, // permi|ti. // Alcan|cares o | monte tar|peio,  
 605 dos muros | te^aproxi|mares, // pro|íbo”. // E^en|tão, corus|cantes,  
lançou coa | destra // dois | pares de | raios, // e | co^eles da^E|trúria  
ilumi|nou-se^a re|gião; // e nos | ares re|volve^uma^es|cura  
nuvem, ir|rompe no | céu, // que por | sobre^o e|xército^a|briu-se.  
Ter afas|tado^o fe|nício // não | é sufi|ciente; ins|pira,  
 610 com grande | nume, // os E|néadas: | ponham as | terras ro|múleas  
salvas nas | mãos condu|toras de | Fábio, // con|fiem as | rédeas  
pátrias. E as|sim que^ele | vê // os co|mandos da | guerra ren|didos  
 a Fábio,^a|firma^en|tão: // “O re|nome que | junto ao | povo  
 se faz, coa^in|veja e o | logro fal|laz, // nem as|túcia ou | ganho,  
 615 cobiça, | nada // con|segue a | este^enga|nar. Aguer|rido,  
 recebe^os | louros na | paz // e su|porta das | guerras as | perdas,  
 o^e|spírito | calmo, // de^en|genho i|gual // para^as | armas e^a | toga”.  
 Dos deuses fal|lou o su|premo; // re|gressa^em se|guida^às es|trelas.  
Aquele, sur|preso // ja|mais por nin|guém // em suas | armas pru|dentes,  
 620 é esti|mado de | Jove; // e | Fábio^exul|tava, re|gresso,  
por nume|rar-se de | volta, // à | pátria | restituída,  
a juven|tude // le|vada con|sigo // p’ra | tantos com|bates.  
 Ninguém sal|vou-se^a si | mesmo // ou | filho que|rido com | zelo  
 maior, ou | viu compa|nheiro // na | guerra^a san|grar com tris|teza  
 625 maior. A|gora^ele | mesmo, // ba|nhado^em cru|or ini|migo,  
venceu, aos | muros tor|nava // com | seus nume|rosos sol|dados.  
Raça de^es|tirpe pre|clara, // ao | céu sua^o|rigem re|monta.  
Pois, retor|nando^o Ti|ríntio ou|trora // de | terras lon|gínguas,

do **monstro** | **tríplice** ar|**ras**ta // a | **fama** e^as | **vacas** to|**ma**das,  
**630** **triunfo**, ^espe|**tá**culo, | **onde** // re|**fulgem** a|**gora**^as mu|**ral**has  
de **Roma**. ^Um | **árcade**, ^en|**tão**, // como | **dizem**, // es|**tabele**|**cia**  
**do** Pala|**tino** as | **bases** // por | **entre** de|**sertos** sil|**vados**;  
um **pobre** | **povo** con|**duz**, // quando^a | **virgem** prin|**cesa**^enle|**ada**,  
**do**^**hóspede** | **sacro** ven|**cida**, // de^um | **crime** fe|**liz**, primo | **Fábio**  
**635** **gera**^e mis|**tura**^as o|**rigens** // de | **nobres** se|**mentes**, fa|**zendo**-se  
arcádia | **madre** fu|**tura**, // de^he|**ráclidas** | **antepas**|**sada**.  
**Fábios** tre|**zentos** // ar|**mou** essa|**raça** // de en|**contro**^ao i|**migo**,  
**todos** sa|**ídos** de^i|**gual** limi|**ar**; // os be|**líssimos** | **feitos**  
**deles**, con|**tempori**|**zando**, // su|**pera**^este | **Fábio**, que | **sabe**  
**640** com^**Aníbal** | **chefe**^**igual**|**lar**-se. // Tão | **grande**, // ó | **púnico**, | **foste**!  
En|**quanto**^à | **guerra** re|**tornam** // os | **sobressal**|**tados** la|**tinos**,  
**amedron**|**tado** por | **Jove**^e per|**di**da // a | **fé** de^os ro|**manos**  
**muros** des|**truir**, // às col|**linas** e^aos | **campos** da | **Úmbria**^al|**cança**  
**Aníbal**, | **onde**, // no | **cume**^ele|**vado** do | **topo** de^um | **monte**,  
**645** **pende**, ^incli|**nado**, ^a um | **lado**, // o | **Túder**, e | **onde**, ^esten|**di**da  
em **vastos** | **campos**, // e|**xala** i|**ner**tes ne|**blinas** es|**pesas**  
**e** se si|**tua**^a Me|**vânia**, // pas|**tora** de | **touros** e|**normes**,  
**dons** para | **Jove**; // se | **lança**^em se|**gui**da // nos | **campos** de | **Palas**,  
**Piceno**, | **rico**^em des|**pojos**; // va|**gando**, ^os e|**xércitos** | **seguem**  
**650** **aonde**^os con|**vidam** es|**pólios**, // trans|**portam** in|**sígnias** pi|**lhadas**;  
**até** que^a | **doce** Cam|**pânia** // as | **marchas** fu|**nestas** de|**teve**  
**e** rece|**beu**, // sem de|**fesa**, // a | **guerra**^em seu | **seio**. E | **nesse**  
**lugar**, en|**quanto** con|**templa** // mo|**radas** e | **templo**^em Li|**terno**  
**cercada** | **de**^**água**, // A|**níbal** per|**cebe**, // de | **várias** | **cores**  
**655** **vivas** pin|**tada**, // a^i|**magem** da | **guerra** pri|**meira**, a | **cabo**  
**levada** | **pelos** seus | **antepas**|**sados**, // pois | **marcas** res|**tavam**,  
**longa** se|**quên**cia dos | **fatos** gra|**vava**-se | **bela** nos | **pórticos**.  
**Primeiro** | **Régulo**^à | **guerra**, // com | **rosto** fe|**roz**, exor|**tava**,  
**guerra** que, | **dado** lhe | **fosse** // os | **fados** pre|**ver**, nega|**ria**.

**APÊNDICE 3: Notas de comentário**

Os números em negrito referem-se aos versos (da tradução). Os comentários reúnem detalhes da construção dos versos, atinentes a questões outras que a cesura, como explicações de nomes e de escolhas da tradução.

**589/590.** “De acerba procela, fendida a nuvem” (*At cladis acerbae discussa ceu nube*) — A referência é à batalha de Trasimeno (217 a.C.), onde Aníbal obtivera a sua terceira vitória em solo italiano, após as de Ticino e de Trébia. O excerto se inicia após o retorno a Roma do filho de Régulo (cf. nota ao v. 658), Serrano, testemunha do ocorrido e personagem principal do início deste canto.

**590.** A expressão *fessis rebus*, no dativo, que Carlos Alberto Nunes traduz por “de tantos trabalhos” em *En.* 3.145 (Virgílio, 1981, p. 55), é equivalente a *defessis rebus*, utilizada por Sílio Itálico em *Pun.* 1.566, que Filinto Elísio (Elísio, 1817, p. 315) traduz por “no quebranto do Estado”. Na nossa tradução do v. 590, “para tão grandes trabalhos”.

**592.** Este verso é o único de terminação oxítona na nossa tradução.

**596.** *Ausônia* é, por metonímia, a Itália. O termo se aplicava, em princípio, a uma região que se estende do Sul do Lácio ao estreito de Messina, cujos habitantes se denominavam “ausônios” ou “ausões”.

**598.** “O púnico” é Aníbal, e “tirrenos”, os seus aliados na Itália, onde o general se havia instalado desde 218 a.C., após a travessia dos Alpes. Este verso, ao lado de 617, 618 e 619, se inicia com uma anacruse (cf. Conto, 2008, p. 64; Gonçalves *et al.*, 2011, p. 8).

**602.** “As planícies tirrenas” (*Tyrrhenas ualles*) faz referência aos territórios italianos por onde Aníbal já havia passado, obtendo vitórias e carregando consigo a devastação.

**603.** “As margens dos rios” (*ripas fluuiorum*) faz referência às duas primeiras batalhas vencidas por Aníbal, no Ticino e no Trébia, em 218 a.C. Cf. nota aos versos 589/590.

**604.** “O monte tarpeio” (*Tarpeium collem*) é um dos nomes atribuídos ao Capitolineo, onde Júpiter possuía um templo, o maior de Roma.

**605.** O uso que faz Nunes de marcar um acento secundário no interior de uma palavra, “mecanismo só possível em palavras longas, que admitem dois acentos dentro de si e, assim, podem conter um dátilo inteiro internalizado” (CONTO, 2008, pp. 64-65), retomei-o aqui no segundo pé, criando uma subtônica na ligação do pronome proclítico com a forma verbal polissilábica “aproximares”. Cf. o mesmo procedimento nos versos 607 e 639 e no quinto pé dos versos 621, 631 e 636.

**607.** Cf. nota anterior.

**610.** “Com grande nume” (*numine magno*, v. 609) – “nume” é palavra que está ligada ao mesmo radical que *nuto* e que significa o assentimento dado com um movimento da cabeça; por extensão, passa a significar a vontade ou o poder da divindade. Os “Enéadas” são, aqui, os próprios romanos, os descendentes dos companheiros de Eneias.

**611.** Quinto Fábio Máximo, o ContempORIZADOR (*Cunctator*), ficou assim conhecido por sua estratégia de combate a Aníbal durante a Segunda Guerra Púnica, na sua ditadura de 217 a.C. A tática consistia em atrasar o combate em cam-

po aberto e fazer, assim, com que as forças cartaginesas perdessem vigor. Os versos seguintes farão um elogio (a encerrar-se no v. 640) dessa mesma personagem.

**617, 618 e 619.** Versos iniciados com anacruse, como o 598 (cf. CONTO, 2008, p. 64; GONÇALVES *et al.*, 2011, p. 8).

**620-6.** A caracterização de Fábio presente nestes versos, além de reiterar a estima de Júpiter pelo general, já apresentada nos versos anteriores (cf., a este respeito, a nota ao v. 627), destaca o seu papel de defensor, em detrimento da sua capacidade de ataque. Essa tendência, descrita por Plutarco na *Vida de Marcelo* (9.7) com a expressão “o escudo do Estado”, tomada ao historiador e filósofo Posidônio de Apameia, é estudada como um modelo de heroísmo que se destaca nas *Púnicas* em FUCECCHI, 2010, pp. 219-230. Sobre o zelo de Fábio, que protege seus soldados com mais cuidado que um pai a seu filho, cf. BERNSTEIN, 2010, sobretudo p. 382.

**621.** Cf. nota ao verso 605.

**627.** A “raça de estirpe preclara” (*stirpe genus clarum*) de Fábio tem origem na figura de Hércules, filho de Júpiter e Alcmena, realizador dos doze trabalhos, divinizado após a sua morte, paradigma recorrente de heroísmo nas *Púnicas* (cf. ASSO, 2010, pp. 179-192). Os versos seguintes (628-637) descreverão a lenda da origem divina da *gens Fabia*.

**628.** O “Tiríntio” (*Tirynthius*) é Hércules: em algumas versões, o herói é dado como nascido em Tirinto, cidade fortificada no topo de uma colina, na Argólida. Um dos reis dessa cidade havia sido Alceu, avô materno de Hércules, de quem o herói recebe outra alcunha, a de “Alcida”.

**629.** Habitante da ilha de Eritia, o “monstro tríplice” (*triplicis monstri*) é Gerião, gigante de três cabeças e cujo corpo era também triplicado até a cintura; constituiu um dos doze trabalhos de Hércules a tomada dos rebanhos de bois desse monstro.

**631.** Para a tonicidade do quinto pé, cf. nota ao verso 605. “Um árcade” (*Arca dius*) é Evandro, exilado que, tendo recebido a autorização de Fauno, rei dos indígenas da terra a que chegara, fundou uma cidade no topo do Palatino, a que deu o nome de Palanteu. Nesse mesmo local, Evandro recebeu Hércules e o purificou do assassinio de Caco; reconhecendo o Tirinto como filho de divindades, Evandro ergueu-lhe um altar, conhecido como *Ara Maxima*. Foi aí também, mais tarde, que Rômulo fundou a cidade de Roma. Evandro é também personagem no canto VIII da *Eneida* de Virgílio.

**633-4.** “A virgem princesa enleada” (*regia uirgo... uicta*) é Vidumna, filha de Evandro.

**635.** Este verso e o 657 são os únicos de terminação proparoxítona em nossa tradução.

**636.** Para a tonicidade do quinto pé, cf. nota ao verso 605.

**637.** Com “Fábios trezentos” (*ter centum... Fabios*), Sílio renova a referência à lenda de que, durante a guerra contra os veios (477 a.C.), um exército de 306 homens, formado da *gens Fabia*, teria perecido às margens do rio Crêmera, na Etrúria, restando um só sobrevivente (cf. Tito Lívio, 2.48-50). A mesma lenda já havia sido mencionada por Sílio Itálico em 2.3-6 e será retomada, na fala de Cílnio a Aníbal, em 7.34-68.

**639.** Para a tonicidade do segundo pé, cf. nota ao verso 605. “Contemporizando” (*cunctando*), porque a estratégia militar de Fábio foi adiar as batalhas em

campo aberto que vinham oferecendo vitórias a Aníbal; dessa forma, o general cartaginês foi-se vendo isolado do contato com seus aliados e privado dos sucessos que mantinham a motivação do seu exército.

**641.** Para a tonicidade do quarto pé, cf. nota ao verso 605.

**643-52.** Estes versos descrevem a marcha de Aníbal em território italiano, a partir de 218 a.C. , após haver atravessado os Alpes. O Túder e a Mevânia são cidades da Úmbria.

**646-8.** Miniconi e Devallet (SILIUS ITALICUS, 1979, p. 161, n. 4) explicam que a região de pastagem onde se situa a Mevânia era banhada pelo Clitumno, rio que se acreditava que tornasse a pelagem dos touros branca, exigida para os sacrifícios solenes.

**648-9.** O Piceno é chamado “campos de Palas” (*Palladios... agros*) por ser rico em oliveiras, cujo cultivo foi ensinado aos mortais pela deusa Palas Atena (SILIUS ITALICUS, 1981, p. 155, n. 2).

**655.** Com a tradução “imagem” que se apresenta em vez de *monumenta* do original, concordamos com a interpretação de Miniconi e Devallet (SILIUS ITALICUS, 1981, p. 57a) e de Álvarez (2005, p. 308), ressaltando *uaria... pictura* (ao pé da letra, “em pintura variada”, vv. 654-5). A palavra latina, no entanto, marca a noção de lembrança, de rememoração e de comemoração que tais figuras representam, visto que ilustram a “guerra primeira”, a Primeira Guerra Púnica (264-241 a.C.), cuja vitória sobre Amílcar Barca, pai de Aníbal, implicou para os romanos, entre outros ganhos, a posse da Sicília e da Sardenha e o início de uma potestade marítima. Sobre o olhar de Aníbal, cf. COWAN, 2005, pp. 349-351; sobre a éfrase dessas imagens nos versos seguintes, cf. HARRISON, 2009, pp. 287-289.

**656.** Para a tonicidade do terceiro pé, cf. nota ao verso 605.

**657.** Este verso e o 635 (cf. nota) são os únicos de terminação proparoxítona na nossa tradução.

**658.** Marco Atílio Régulo (morto *ca.* 250 a.C.), segundo dos três nomes de maior destaque político da *gens Atilia*, foi cônsul em 267 a.C. e novamente em 256 a.C. Durante seu segundo consulado, ao lado de Lúcio Mânlio Vulso Longo, esteve à frente dos combates contra a potência cartaginesa, que venceu em batalha marinha no Cabo de Ecnomo e, em seguida, tendo passado às terras africanas, nos montes de Adis. Esse ciclo de vitórias romanas se encerrou com a tomada da direção dos exércitos cartagineses por um general grego, Xantipo, que impôs grande derrota aos romanos na batalha de Bagradas. Marco Atílio Régulo, após cativo de cinco anos, foi enviado a Roma em 250 a.C., para que convencesse os romanos à paz e à troca de prisioneiros. Opôs-se às propostas de Cartago diante do Senado e retornou a África, onde foi supliciado até a morte. Diversas lendas giram em torno da personagem, e algumas são retomadas nas *Púnicas*. Neste mesmo canto, nos vv. 62-551, muitas são narradas por Maro, antigo soldado de Régulo.

**Everton Natividade**

*everton.natividade@ufpe.br*

*Prof. Mestre., Universidade Federal de Pernambuco*

### Referências bibliográficas

- ASSO, Paolo. Hercules as a paradigm of Roman heroism. In: Antony Augoustakis (ed.). *Brill's Companion to Silius Italicus*. Leiden and Boston: Brill, 2010, pp. 179-192.
- BERNSTEIN, Neil W. Family and state in the *Punica*. In: Antony Augoustakis (ed.). *Brill's Companion to Silius Italicus*. Leiden and Boston: Brill, 2010, pp. 377-397.
- CHOCIAJ, Rogério. *Teoria do verso*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1974. 212pp.
- CONTO, Luana de. Carlos Alberto Nunes, tradutor dos clássicos. *Anais da XXIII Semana de Estudos Clássicos*, Araraquara, pp. 60-67, 2008. Disponível online em <<http://portal.fclar.unesp.br/ec/BANCO%20DE%20DADOS/XXIII%20SEC/TEXTOS/ARTIGOS%20PDF/conto.pdf>>. Acessado em 23/2/2013.
- COWAN, Robert. Virtual Epic: counterfactuals, sideshadowing, and the poetics of contingency in the *Punica*. In: Antony Augoustakis (ed.). *Brill's Companion to Silius Italicus*. Leiden and Boston: Brill, 2010, pp. 323-351.
- CRUSIUS, Federico. *Iniciación en la métrica latina*. Versión y adaptación de Ángeles Roda. Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1951. 190pp.
- ELYSIO, Filinto. *Obras completas de Filinto Elysio*. Tomo II. Paris: A. Bobée, 1817. 464pp.
- FUCECCHI, Marco. The shield and the sword: Q. fabius Maximus and M. Claudius Marcellus as models of heroism in Silius' *Punica*. In: Antony Augoustakis (ed.). *Brill's Companion to Silius Italicus*. Leiden and Boston: Brill, 2010, pp. 219-239.
- GONÇALVES, Rodrigo Tadeu *et alii*. Uma tradução coletiva das *Metamorfoses* 10.1-297 com versos hexamétricos de Carlos Alberto Nunes. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, No. 10, pp. 110-132, 2011. Disponível online em <<http://dx.doi.org/10.5007/1980-4237.2011n10p110>>. Acessado em 23/2/2013.
- HARRISON, Stephen J. Picturing the future again: proleptic ekphrasis in Silius' *Punica*. In: Antony Augoustakis (ed.). *Brill's Companion to Silius Italicus*. Leiden and Boston: Brill, 2010, pp. 279-292.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução dos versos e introdução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009a. 576pp.
- \_\_\_\_\_. *Ilíada*. Tradução dos versos e introdução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Hedra, 2011a. 506pp.
- \_\_\_\_\_. *Ilíada*. Tradução dos versos e introdução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011b. 608pp.
- \_\_\_\_\_. *Odisseia*. Tradução dos versos e introdução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009b. 432pp.
- \_\_\_\_\_. *Odisseia*. Tradução dos versos e introdução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Hedra, 2011c. 400pp.
- \_\_\_\_\_. *Odisseia*. Tradução dos versos e introdução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011d. 477pp.

- NUNES, Carlos Alberto. Ensaio sobre a poesia épica. In: \_\_\_\_\_. *Os Brasileiros*. Epopeia nacional em nove cantos e um epílogo. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962. pp. 5-59.
- SILIO ITÁLICO. *La Guerra Púnica*. Edición de Joaquín Villalba Álvarez. Madrid: Clásica, 2005. 640pp.
- SILIUS ITALICUS. *La Guerre Punique*. Tome I. Livres I-IV. Texte établi et traduit par Pierre Miniconi et Georges Devallet. Paris: Société d'Éditions "Les Belles Lettres", 1979. 166pp.
- \_\_\_\_\_. *La Guerre Punique*. Tome II. Livres V-VIII. Texte établi et traduit par José Volpilhac (Livre V), Pierre Miniconi et Georges Devallet (Livres VI-VIII). Paris: Société d'Éditions "Les Belles Lettres", 1981. 192pp.
- VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução portuguesa de Carlos Alberto Nunes no metro original. São Paulo: A Montanha Edições, 1981. 279pp.